

Crescimento econômico não depende do sucesso do novo plano de ajuste fiscal

por Sandra Gomide
de São Paulo

O plano de ajuste econômico a ser anunciado hoje pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, não dará certo como medida de estabilização da economia, mas seu fracasso também não significará necessariamente grandes problemas para o País. Com ou sem a adoção de um indexador, a economia brasileira deverá caminhar no ano que vem no mesmo ritmo de 1993.

Esta foi a conclusão a que chegaram os economistas, empresários e juristas que participaram ontem, em São Paulo, de um seminário sobre perspectivas para 1994, patrocinado pelo Banco Real. "O plano da equipe econômica de ajuste fiscal não deve dar certo porque o diagnóstico dos problemas está totalmente errado. Fernando Henrique cortou os gastos da União, mas esqueceu de livrar-se dos gastos dos estados e municípios, que representam 60% do déficit", disse o deputado Delfim Netto (PPR-SP). Para ele, o fato de o novo plano trancar parte das transferências de recursos para estados e municípios na "reserva social de emergência" vai apenas aumentar o déficit dessas autoridades.

"De qualquer forma, o ano que vem será como 1993, pois a economia brasileira desenvolveu-se muito nos últimos três anos e já está madura o suficiente para caminhar sozinha", acrescentou ele, referindo-se aos processos de privatização das estatais e à abertu-

tura de mercado iniciados no governo Collor. Além disso, o deputado acredita que as reservas cambiais de US\$ 18 bilhões acumuladas durante o ano constituem uma garantia a mais para que não ocorra um desequilíbrio maior da economia.

O economista Luís Paulo Rosemberg concorda com o deputado Delfim Netto no que se refere ao sucesso do plano de ajuste econômico, mas aponta um argumento político para justificar sua opinião. "É até uma ingenuidade do governo achar que medidas a longo prazo poderão ter algum efeito no último ano do mandato do presidente Itamar Franco", afirmou ele.

O fato de ser um plano cauteloso, que não se utiliza de choques e estipula um período de transição para sua implementação, confere ao ministro Fernando Henrique maior credibilidade junto à sociedade, segundo Rosemberg. "Como a adoção da nova moeda será feita em três fases, a equipe econômica terá tempo de desistir ou voltar atrás caso perceba alguma falha e isso nos dá garantias para a realização de investimentos em qualidade e produtividade", afirma ele.

Outra opinião de consenso entre os economistas e empresários é de que não haverá aumentos exagerados dos patamares da inflação para o ano que vem. "A economia cresceu 4% neste ano e não há nenhum indicio de que pare de crescer no ano que vem", acredita Delfim Netto.